
MORTE E VIDA SEVERINA - UMA ANÁLISE CULTURAL

Marlucy Mary Gama Bispo (UFS)¹

RESUMO

Este trabalho analisa a construção da identificação cultural em *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto. Parte-se de como a construção da identidade cultural de *Severino*, figura central do texto, vai apresentando diferentes pertencimentos, ora como sujeito individual, ora como sujeito coletivo. Isso fica mais visível quando se identifica seus encontros e desencontros nos espaços da obra, mostrando o quanto o homem é vítima do sistema social e não, apenas, do geográfico como insistem alguns. Tem-se aqui como espaços, a trajetória que ele percorre pelo Sertão, Agreste, Zona da Mata e Litoral pernambucano. A análise é feita pelo viés dos estudos culturais que se pautam pelo questionamento das identidades de fronteira como é o caso de Severino. Como suporte teórico, segue-se uma abordagem sociológica proposta por Boaventura Santos, Zygmunt Bauman e Antônio Cândido. Aliada a tal abordagem tem-se, ainda, uma análise de “práticas significativas” (Raymond Willams), representativas da cultura nordestina, na perspectiva de ler-se o sentido que elas atribuem à estética da obra.

Palavras-chave: Morte e Vida Severina - identificação - estudos culturais - Nordeste.

Morte e Vida Severina, Auto de Natal Pernambucano (1954-1955), peça literária de natureza regionalista, tradição medieval, forte religiosidade, linguagem próxima do registro oral, apresenta vários aspectos do folclore em sua construção formal, distribuídos ao longo dos dezoito trechos que compõem a obra. Nela, João Cabral de Melo Neto, distancia-se do hermetismo, característica marcante em sua produção poética e escreve para ser entendido pelo povo, o que o faz sem tornar o seu texto “popular”, embora o mesmo o tenha popularizado. Aliando forma, conteúdo e linguagem numa tríade, para alguns, perfeita, *Morte e Vida Severina* atribui um caráter singular à poesia cabralina, apresentada por Alfredo Bosi como

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFS - professora do Colégio de Aplicação/UFS.

o seu poema longo mais equilibrado entre rigor formal e temática participante, conta o roteiro de Severino, um homem do Agreste que vai em demanda do litoral e topa em cada parada com a morte, presença anônima e coletiva, até que no último pouso lhe chega a nova do nascimento de um menino, signo de que algo resiste à constante negação da existência (BOSI, 1994, p.471).

Para Antônio Cândido, “o regionalismo foi e ainda é força estimulante na literatura da América Latina” (2000, p.158). É fato que, no Brasil, a produção literária regionalista é marcada pela prosa. Em *Morte e Vida Severina*, João Cabral acentua a quebra dessa *hegemonia* apresentando um *Auto* fortemente centrado na temática regionalista, o que já ocorria, de forma mais diluída, em sua obra.

Importante, ainda, localizar a produção cabralina no período que, segundo Cândido (2000), corresponde a uma *consciência dilacerada do atraso*, que teve como precursora a fase da “consciência catastrófica de atraso, correspondente à noção de país subdesenvolvido” (p.142), com gênese em Simões Lopes Neto, seguido por Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado. Nessa fase se imprimiu à literatura regional brasileira, uma face em que “o peso da consciência social atua por vezes no estilo como fator positivo, dando lugar à procura de interessantes soluções adaptadas à representação de desigualdade e de injustiça” (p.160), distanciando-a da denominada “consciência amena do atraso, correspondente ideologia de país novo” (p.145), marcada por uma literatura que “se fez linguagem de celebração e terno apego, favorecida pelo Romantismo, com o apoio da hipérbole e na transformação do exotismo como estado de alma” (p.141).

Para Cândido, sobre a expressão do regionalismo de João Cabral, ele diz que “[...] ninguém elaborou expressão poética mais revoltada e pungente para expor a miséria, o destino esmagado do homem pobre, no caso o do Nordeste” (DANTAS, 2002, p.169).

A partir de tais considerações, este trabalho tem como objetivo principal analisar a construção da identificação cultural no Auto de João Cabral. Parte-se de como a construção da Identidade Cultural de Severino, figura central desse texto, vai apresentando diferentes pertencimentos, ora como sujeito individual, ora como sujeito coletivo, o que ratifica o que diz SANTOS:

Sabemos hoje que as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação [...] identidades são, pois, identificações em curso [...] além de plurais são dominadas pela obsessão da diferença e pela hierarquia das distinções. Quem pergunta pela sua identidade questiona as referências hegemônicas mas, ao fazê-lo, coloca-se na posição de outro e, simultaneamente, numa situação de carência e por isso de subordinação (2003, p.133).

Tal conceito de Santos constitui-se como importante categoria de análise, que pode ser empregada, em toda primeira parte do Auto, quando o protagonista, Severino, na tentativa de apresentar-se, apresenta muito mais a sua condição de carência e subordinação, assumindo a “identidade da subclasse” a qual para Bauman “é a ausência de identidade, abolição ou negação da individualidade, ‘do rosto’[...]” (2005, p.46). Observe-se o fragmento do texto:

— O meu nome é Severino,
não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
[...]
Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.
[...]
Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:

[...]

Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra (CABRAL, 2000, p.29-30).

A *crise de identidade* de Severino, quando se identifica a tantos Severinos *iguais em tudo na vida*, nos remete à *crise do pertencimento*, ainda, em Bauman:

tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis [...] a idéia de ‘ter uma identidade’ não vai ocorrer às pessoas enquanto o ‘pertencimento’ continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa (2005, p.17-18).

Condição sem alternativa, essa é a voz que ecoa em todo o Auto de Cabral da qual seu protagonista, tenta, inutilmente, desviar-se em sua “peregrinação” rumo ao litoral pernambucano, carregando o seu *pertencimento* de vida Severina, como *destino*, o que evidencia o quanto ele é vítima do sistema social, e não, apenas, do geográfico como insistem alguns. Nessa trajetória de Severino, marcada pela certeza da morte e a incerteza da vida cabe-lhe bem o conceito de Bauman “A vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante” (2005, p.8).

Interessante retomar Santos (2003) à abordagem sobre encontros e desencontros de Severino nos espaços da obra. Tem-se aqui como espaços, o trajeto que ele percorre pelo Sertão, Agreste, Zona da Mata e Litoral pernambucano. Resgate-se, para tanto o conceito dele de *zona fronteira*, como uma *zona híbrida*, que sugere mobilidade.

Nessa lógica, percebe-se que o deslocamento de Severino do sertão – litoral (cidade) ocorre na dialética entre a *heterogeneidade externa*, (diferenças encontradas nos aspectos físicos/geográficos dos já citados espaços da obra) e a *homogeneidade interna* caracterizada

pela mesmice que frustra as expectativas de Severino em sua trajetória, conforme fragmento do poema:

— Esse povo lá de riba
de Pernambuco, da Paraíba
que vem buscar no Recife
poder morrer de velhice,
encontra só, aqui chegando
cemitérios esperando.
—Não é viagem o que fazem
vindo por essas catingas, vargens;
aí está o seu erro:
vêm é seguindo seu próprio enterro (CABRAL, 2000, p. 50).

Outro aspecto que merece enfoque ainda sobre a zona fronteira de Santos, parte-se do fato dela ser definida como “uma metáfora que ajuda o pensamento a transmutar-se em relações sociais e políticas. E não esqueçamos que a metáfora é o forte de cultura de fronteira [...]” (2003, p.155).

Associa-se a tal citação o fato de Severino ser considerado *uma metáfora* que representa uma realidade político-social do Nordeste brasileiro, numa insistente tentativa de transmutar-se. Na análise de Homero Araújo:

Depois dos versos clássicos que definem a condição severina e referem seu caráter coletivo e desgraçado (*Somos muitos Severinos*), o poema volta a dirigir-se ao público na segunda pessoa do plural do pronome de tratamento, o que dá um caráter cerimonioso ao apelo (*Mas, para que me conheçam / melhor Vossas Senhorias*). Tal referência é incluída na oração adversativa de caráter elucidativo e pedagógico a enfatizar que o *Severino que em vossa presença emigra* é um artifício poético a simbolizar a classe/condição Severina (ARAÚJO, 2002, p. 139-140).

Saliente-se, ainda, o que pode ser interpretado como a *fronteira metafísica* da obra, com a qual Severino dialoga em todo transcurso do texto, *a morte e a vida*.

O segundo viés de abordagem deste trabalho apresenta elementos textuais que evidenciam uma articulação entre o estético e cultural no poema de João Cabral. Para tanto parte-se das reflexões de Raymond Willams que apresenta a cultura

como *sistema de significações* mediante o qual necessariamente (se bem que entre outros meios) uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada (...) mas também todas as “práticas significativas” - desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade - que agora constituem esse campo complexo e necessariamente extenso. (WILLIAMS, 1992, p.13)

É inquestionável a forma como algumas *práticas significativas*, representativas, majoritariamente, da cultura nordestina, se constituem como elementos importantes que possibilitam diferentes leituras em *Morte e Vida Severina*. O que não poderia ser diferente considerando que o texto fora produzido “a pedido” para ser encenado, logo, a sua plástica, observada em toda obra, é marcada por fortes imagens visuais e auditivas, carregadas de simbologia que dão ao texto uma beleza *enxuta*, típica da poesia cabralina, que em *Morte e Vida Severina* se tornou maravilhosamente *árida*.

Cândido diz sobre

a poesia de João Cabral que: “As suas emoções se organizam em torno dos objetos precisos que servem de sinais significativos do poema — cada imagem material tendo de fato, em si, um valor que a torna fonte de poesia, esqueleto que é do poema” (2002, p.137).

Interessante também observar, em entrevista à *Revista Manchete* em agosto de 1976, a forma como João Cabral assume a influência que sua obra recebeu de Murilo Mendes:

nenhum poeta brasileiro me ensinou como ele a importância do visual sobre o conceitual, do plástico sobre o musical. Sua poesia ensinou que a palavra concreta, porque sensorial é sempre mais poética do que a palavra abstrata, e que assim a função do poeta é dar a ver (a cheirar, a tocar, a provar, de certa forma a ouvir: enfim, a sentir o que ela quer dizer, isto é, a pensar).

Sob forte influência medieval, o poema condensou vários aspectos do folclore, na qual João Cabral deixa claro sua intenção de homenagear a todas as literaturas ibéricas. Como diz o próprio autor, entre outras considerações, deveras pertinentes, a essa proposta abordagem:

Esse texto não poderia ser mais denso. Era obra para teatro, encomendada por Maria Clara Machado [...]. Pesquisei num livro sobre o folclore pernambucano, publicado no início do século, de autoria de Pereira da Costa [...]. A cena do nascimento, com outras palavras, está em Pereira da Costa [...]. “Todo céu e terra lhe cantam louvor” também é literal do antigo pastoril pernambucano. O louvor das belezas do recém-nascido e os presentes que ganha existem no pastoril. As duas ciganas estão em Pereira da Costa [...]. Eu só alterei as belezas e os presentes [...]. Com *Morte e Vida Severina*, quis prestar uma homenagem a todas as literaturas ibéricas. Os monólogos do retirante provêm do romance castelhano. A cena do enterro na rede é do folclore catalão. O encontro com os cantores de incências é típico do Nordeste. [...]. A conversa com Severino antes de o menino nascer obedece ao modelo da tenção galega (SECCHIN, 1985, p.304).

Partindo-se da visão histórico-cultural do autor, ratifica-se que João Cabral imprimiu em *Morte e Vida Severina* a possibilidade de várias leituras. Tome-se como exemplo para análise o trecho do Auto em que começam a chegar pessoas trazendo presentes para o recém-nascido e para mãe:

— Minha pobreza tal é
Que não trago presente grande:
trago para a mãe caranguejos
[...]
— Minha pobreza tal é
que coisa alguma posso ofertar:
somente o leite que tenho
para meu filho amamentar
[...]
— Trago abacaxi de Goiana
e de todo o Estado rolete de cana
[...]
— Siris apanhados no lamaçal
que já no avesso da rua Imperial.
— Mangas compradas nos quintais ricos
do Espinheiro e dos Aflitos.
— Goiamuns dados pela gente pobre
da Avenida Sul e da Avenida Norte. (CABRAL, 2000, p.55-56).

Como disse o autor *esta passagem existe no pastoril pernambucano* e ele só alterou os presentes. Observe-se como a originalidade dessa *alteração* imprimiu ao texto, sem exotismos, a forte marca da cultura nordestina. Os presentes que a mãe e o recém-nascido recebem são: caranguejos, leite de outra mãe, papel de jornal, água da bica, canário-da-terra, bolacha d'água, boneco de barro, pitu, abacaxi, rolete de cana, tamarindos, ostras, jaca, mangabas, caju, peixe, siris, carne de boi, mangas e goiamuns. A origem e a natureza desses presentes apresentam e representam a geografia sócio-econômica e cultural de bairros de Recife e cidades pernambucanas, que na realidade, refletem bairros e cidades de qualquer cidade do Nordeste brasileiro.

Assim, tal qual Severino, Pernambuco/Recife se constitui *numa metáfora* que evoca ao texto, mais uma vez, a lógica da *cultura de fronteira* de Santos, já apresentada neste, ratificada nas palavras de João Cabral “[...] o Recife é o depósito de miséria de todo Nordeste” (ATHAYDE, 1998, p.109). Miséria denunciada através de uma linguagem coesa e engajada, sutilmente trabalhada, retomando o medievalismo característico do passado colonial, evidenciado no latifúndio, coronelismo, teocentrismo, temas abordados no texto na interpretação dialética entre obra de arte e meio social de Antonio Cândido (1976).

O forte apelo social do Auto de Cabral expõe os conflitos existentes no texto, partindo das claras dicotomias identidade x identificação, inclusão x exclusão, luta x resistência, morte x vida, no cenário do regionalismo nordestino de meados da década de 50 que vê “na degradação do homem uma consequência da espoliação econômica, não do seu destino individual” (CÂNDIDO, 2000, p.160).

Retome-se, ainda, a questão do *espaço* da obra que, embora tenha sido claramente delimitado no texto (agreste, caatinga, zona da mata e litoral pernambucano), aparenta ser mais simbólico que real, representa a exclusão social, marcada pela realidade econômica do subdesenvolvimento que “mantém a dimensão do regional como objeto vivo” (CÂNDIDO, 2000, p. 159).

Quanto à cronologia, o tempo apresenta-se marcado pela problemática da migração, devido à seca, o que o evidencia como ilimitado.

Enfim, o Auto, *Morte e Vida Severina* é um claro exemplo de como João Cabral articulou o estético e o cultural numa perspectiva estruturalista que, embora escrito na década de 50, se permite a leituras e abordagens que se valem, também, de conceitos e categorias recentes de análises literárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Homero José Vizeu. *O poema no sistema-A peculiaridade do antilírico João Cabral na poesia brasileira*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman*; tradução, Carlos Alberto Medeiros - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 36ª ed., São Paulo: Editora Cultrix, 1994.
- CÂNDIDO, Antonio. *Textos de Intervenção*. Org. Vinicius Dantas. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- CÂNDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. 3ª edição. São Paulo: Ática, 2000.
- DANTAS, Vinicius. *Bibliografia de Antonio Cândido*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.
- MELO NETO, João Cabral. *Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- SANTOS, Boaventura de S. Pela mão de Alice. *O social e o político na pós-Modernidade*. 9ª edição- São Paulo: Cortez, 2003.

SECCHIN, Antonio Carlos. *João Cabral: a poesia do menos*. São Paulo: Duas cidades; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. 2ª edição; tradução Lólio Lourenço de Oliveira-Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.